



INTERNACIONAL

Ano I Nº 281
21 de Maio de 2008
Índice

CNM/CUT participa de Congresso Metalúrgico na Suécia	01
Tenaris inicia greve na Romênia	02
A Escassez de Alimentos e o Biodiesel	03
Fatores transitórios e estruturais na explosão dos preços	03
Transnacionais lucram com aumento da fome	04

CNM/CUT participa de Congresso Metalúrgico na Suécia

O vice-presidente da CNM/CUT, Marino Vani, está na Suécia acompanhando o Congresso dos Metalúrgicos promovido pelo Sindicato IF Metall

O encontro do IF Metall, que é realizado em Estocolmo, teve como primeira atividade realizada, um seminário sobre a globalização entre os dias 11 e 12 maio, com a participação de várias delegações internacionais, entre elas a Confederação Nacional dos Metalúrgicos (CNM/CUT), representada no evento pelo vice-presidente Marino Vani.



Como debatedores, foram convidados além de Marino Vani, Yuji Kato (IMF-JC-Japão), Stefan Lofven (Presidente IF Metall), Silunko Nondwangu (secretário-geral do NUMSA-África do Sul) e Berthold Huber (Presidente da Trade Globalização IAM-EUA).

Em sua fala, Marino disse que a globalização econômica é uma realidade de várias faces e se desenvolve de forma diferente entre continentes, países e, dentro dos próprios países, a aspectos positivos e negativos para os trabalhadores governos e aos desenvolvimentos locais e da humanidade.

"É preciso regular o capital financeiro a partir de regras internacionais, que pensem o desenvolvimento global, que existam transições econômicas planejadas e que estas tragam um equilíbrio econômico, distribuição internacional do trabalho e, principalmente, se diminua as diferenças entre pobres e ricos de todo o mundo e internamente em cada país". disse.

Segundo o vice-presidente da CNM/CUT, este regramento deve levar em conta um desenvolvimento sustentável, baseado no aprofundamento das democracias, do uso racional dos recursos e reservas ambientais e que este diminua o aquecimento global e a destruição do nosso planeta.

No fim, Vani afirmou que "aos sindicatos cabe cada vez mais, organizar e conscientizar os trabalhadores e movimentos sociais para uma ação e visão e estratégias locais e globais".

Os demais oradores de outros países falaram também sobre ações para mais organização, conscientização e cooperação internacional, além do controle do "mercado livre", não à precarização do trabalho, acordos marco internacionais, a questão do meio ambiente e o uso dos recursos naturais, que é uma preocupação muito grande de todos os sindicatos metalúrgicos do mundo.

No fim, a proposta da CNM/CUT da estratégia de resistência propositiva foi muito bem aceita e discutida pelo mediador do debate.

Tenaris inicia greve na Romênia

Os trabalhadores da Tenaris na Romênia iniciaram nesta Quarta-feira uma greve por tempo ilimitado diante da intransigência patronal.

Conforme correspondência que recebemos do companheiro Alexandru Rus, presidente do Sindicato na Tenaris Silcotub Zalau os trabalhadores vão recorrer à greve depois de meses de negociações e tendo em conta que são baixos os salários que a empresa paga (o salário de ingresso é de cerca de 390 dólares e a média salarial bruta é de 500 dólares).

Só 1.080 trabalhadores na empresa, dois quais 833 operários da produção. O sindicato tem 670 associados e cerca de 80% deles aderiu à greve.

A administração da empresa (na palavra do gerente general da Tenaris Silcotub Zalau, Paolo Bassetti) está ameaçando transferir a produção para outras unidades durante a greve e diz que vai retirar o bônus salarial extra dos grevistas. As ameaças não estão intimidando os trabalhadores.

A CNM/CUT renova sua solidariedade aos siderúrgicos romenos da Tenaris.

A Escassez de Alimentos e o Biodiesel

A falta de alimentos acarretou distúrbios em muitos países, entre eles a Índia, Bangladesh e a Indonésia na Ásia, a Costa do Marfim e Camarões na África e o Haiti aqui próximo a nós. A fome é um problema antigo que se agravou ultimamente com as políticas do FMI e do Banco Mundial de privatização e de liquidação dos estoques de alimentos. A novidade maior agora, foi responsabilizar o biodiesel por essa fome, inclusive sem distinguir o álcool brasileiro (que não é destilado de grãos) do álcool dos Estados Unidos, por exemplo, que é tirado do milho.

Aparentemente para os analistas, o alto preço do petróleo não tem nada a ver com o aumento dos preços e tampouco as criações de animais altamente subsidiadas dos países europeus, principalmente da Europa. Essas criações consomem toneladas de grãos. O nosso presidente Lula encontrou o dedo das multinacionais do petróleo na crítica ao biodiesel.

A questão do biodiesel é uma questão essencial para nós metalúrgicos de toda a cadeia do metal, não apenas para os trabalhadores automotivos. Com isso em vista, e para fomentar o debate, trouxemos dois textos da Carta maior sobre a questão. Além disso, vale a pena ler as matérias da série especial da CM: Etanol e Biodiesel na Agricultura Familiar. [Leia aqui](#).

Fatores transitórios e estruturais na explosão dos preços

Dois elementos caracterizam a atual flutuação de preços: o peso do componente financeiro e a expansão de consumo em países pobres. A primeira característica é transitória, enquanto a segunda pode resultar em uma mudança estrutural no fluxo e na intensidade do comércio dos alimentos e das matérias-primas. A análise é de José Graziano da Silva.



Desde 2003, segundo o índice do Commodity Research Bureau (CRB), a média dos preços de 24 produtos primários agrícolas registrou alta de 50% de suas cotações mundiais. Mas, ao ampliar o campo de observação a um intervalo maior, entre 1974 e 2004, a revista The Economist constatou um retrocesso acumulado de 75% para esses produtos. Ou seja, apenas uma parte das perdas foi recuperada. É importante avaliar ano a ano os fatores que impulsionaram a alta recente dos preços, de modo que se possa separar aqueles de natureza estrutural e outros de cunho especulativo. Nesse exercício podemos identificar três momentos distintos.

A deterioração dos termos de intercâmbio é um dos agentes da engrenagem histórica do subdesenvolvimento, fenômeno que não caracteriza uma fase do desenvolvimento, mas uma forma específica e distorcida de inserção das economias periféricas no sistema capitalista mundial. Relações coloniais fortemente estruturadas em torno da exportação de produtos primários modelaram originalmente essa característica da maioria das economias surgidas na periferia do sistema internacional.(...) >>>

Entre 20002 e 2004 houve aumento no consumo de alimentos com maior valor protéico – principalmente carne e lácteos – por parte de populações pobres em países em desenvolvimento, entre eles, Brasil, China e Índia. Praticamente no mesmo momento, os Estados Unidos aumentaram, de forma explosiva, sua previsão de consumo de etanol, influenciando, assim, a demanda pelo milho. Se esse período foi marcado pelo crescimento da demanda, o seguinte refletiu cerca escassez na oferta.

Entre 2004 e 2006 ocorreram significativas perdas na produção mundial de cereais devido a fenômenos climáticos, como secas na China e na Austrália e furacões na América Central e no Caribe. Isso comprimiu as reservas mundiais de cereais em um momento de crescimento do consumo. A partir de 2007 é basicamente o componente especulativo que influi na alta continuada dos preços: enfrentados com as incertezas econômicas, muitos investimentos buscaram refúgio rentável nos fundos de commodities – agrícolas e não-agrícolas.

Portanto, dois elementos caracterizam o atual ciclo de flutuação de preços: o peso do componente financeiro e a natureza inédita de uma demanda que resulta da expansão de consumo em países pobres. A primeira característica é transitória, enquanto a segunda pode resultar em uma mudança estrutural no fluxo e na intensidade do comércio dos alimentos e das matérias-primas.

O balanço preliminar da atual crise recomenda uma autocrítica das teses neomalthusianas que atribuíram à agroenergia a principal responsabilidade pelos saltos nas cotações das commodities, dessa forma minimizando o componente fortemente especulativo – reconhecido agora pelo próprio governo norte-americano ao propor uma ação conjunta da Commodity Futures Trading Commission (que fiscaliza os mercados futuros desses produtos) com a Security Exchange Commission (que regulamenta os ativos financeiros).

A agroenergia, ao contrário, emerge da atual crise financeira como um porto seguro de consistência real e continuidade estratégica. Por mais que a demanda mundial por commodities diminua no curto prazo, o desafio de reconstruir a matriz energética do século XXI está apenas começando. A agroenergia pode ajudar a sustentar a expansão dos países pobres inaugurando uma nova dinâmica de independência comercial – com a industrialização das plantações para a produção de combustíveis e assim criar pontes entre a agricultura familiar e um setor de ponta da economia mundial que veio para ficar.

* José Graziano da Silva é representante regional da FAO para a América Latina e o Caribe.

Transnacionais de alimentos lucram com aumento da fome

A fome no mundo é a nova grande fonte de lucros do grande capital financeiro e os lucros aumentam na mesma proporção que a fome. Nos últimos meses, os meses do aumento da fome, os lucros da maior empresa de sementes e de cereais aumentaram 83%. Ou seja, a fome de lucros da Cargill alimenta-se da fome de milhões de seres humanos. A análise é de Boaventura de Sousa Santos.

Há muito conhecido dos que estudam a questão alimentar, o escândalo finalmente estalou na opinião pública: a substituição da agricultura familiar, camponesa, orientada para a auto-suficiência alimentar e os mercados locais, pela grande agro-indústria, orientada para a monocultura de produtos de exportação (flores ou tomates), longe de resolver o problema alimentar do mundo, agravou-o.



Tendo prometido erradicar a fome do mundo no espaço de vinte anos, confrontamo-nos hoje com uma situação pior do que a que existia há quarenta anos. Cerca de um sexto da humanidade passa fome; segundo o Banco Mundial, 33 países estão à beira de uma crise alimentar grave; mesmo nos países mais desenvolvidos os bancos alimentares estão a perder as suas reservas; e voltaram as revoltas da fome que em alguns países já causaram mortes. Entretanto, a ajuda alimentar da ONU está hoje a comprar a 780 dólares a tonelada de alimentos que no passado mês de março comprava a 460 dólares.

A opinião pública está a ser sistematicamente desinformada sobre esta matéria para que se não dê conta do que se está a passar. É que o que se está a passar é explosivo e pode ser resumido do seguinte modo: a fome do mundo é a nova grande fonte de lucros do grande capital financeiro e os lucros aumentam na mesma proporção que a fome.

A fome no mundo não é um fenómeno novo. Ficaram famosas na Europa as revoltas da fome (com o saque dos comerciantes e a imposição da distribuição gratuita do pão) desde a Idade Média até ao século XIX. O que é novo na fome do século XXI diz respeito às suas causas e ao modo como as principais são ocultadas. A opinião pública tem sido informada que o surto da fome está ligado à escassez de produtos agrícolas, e que esta se deve às más colheitas provocadas pelo aquecimento global e às alterações climáticas; ao aumento de consumo de cereais na Índia e na China; ao aumento dos custos dos transportes devido à subida do petróleo; à crescente reserva de terra agrícola para produção dos agro-combustíveis.

Todas estas causas têm contribuído para o problema, mas não são suficientes para explicar que o preço da tonelada do arroz tenha triplicado desde o início de 2007. Estes aumentos especulativos, tal como os do preço do petróleo, resultam de o capital financeiro (bancos, fundos de pensões, fundos hedge [de alto risco e rendimento]) ter começado a investir fortemente nos mercados internacionais de produtos agrícolas depois da crise do investimento no sector imobiliário.

Em articulação com as grandes empresas que controlam o mercado de sementes e a distribuição mundial de cereais, o capital financeiro investe no mercado de futuros na expectativa de que os preços continuarão a subir, e, ao fazê-lo, reforça essa expectativa. Quanto mais altos forem os preços, mais fome haverá no mundo, maiores serão os lucros das empresas e os retornos dos investimentos financeiros.

Nos últimos meses, os meses do aumento da fome, os lucros da maior empresa de sementes e de cereais aumentaram 83%. Ou seja, a fome de lucros da Cargill alimenta-se da fome de milhões de seres humanos.

O escândalo do enriquecimento de alguns à custa da fome e subnutrição de milhões já não pode ser disfarçado com as “generosas” ajudas alimentares. Tais ajudas são uma fraude que encobre outra maior: as políticas económicas neoliberais que há trinta anos têm vindo a forçar os países do terceiro mundo a deixar de produzir os produtos agrícolas necessários para alimentar as suas próprias populações e a concentrar-se em produtos de exportação, com os quais ganharão divisas que lhes permitirão importar produtos agrícolas... dos países mais desenvolvidos.

Quem tenha dúvidas sobre esta fraude que compare a recente “generosidade” dos EUA na ajuda alimentar com o seu consistente voto na ONU contra o direito à alimentação reconhecido por todos os outros países.

O terrorismo foi o primeiro grande aviso de que se não pode impunemente continuar a destruir ou a pilhar a riqueza de alguns países para benefício exclusivo de um pequeno grupo de países mais poderosos. A fome e a revolta que acarreta parece ser o segundo aviso. Para lhes responder eficazmente será preciso pôr termo à globalização neoliberal, tal como a conhecemos.

O capitalismo global tem de voltar a sujeitar-se a regras que não as que ele próprio estabelece para seu benefício. Deve ser exigida uma moratória imediata nas negociações sobre produtos agrícolas em curso na Organização Mundial do Comércio. Os cidadãos têm de começar a privilegiar os mercados locais, recusar nos supermercados os produtos que vêm de longe, exigir do Estado e dos municípios que criem incentivos à produção agrícola local, exigir da União Europeia e das agências nacionais para a segurança alimentar que entendam que a agricultura e a alimentação industriais não são o remédio contra a insegurança alimentar. Bem pelo contrário. (*Carta Maior, 07.05.2008*)